

CHARLIE DONLEA

Autor do best-seller **A GAROTA DO LAGO**

*Mistérios entrelaçados.
Uma confissão perturbadora.
Uma descoberta letal.*

TEIA
DE
MENTIRAS

A high-contrast, black and white close-up portrait of a man's face. The man has a short beard and is looking directly at the camera with a serious, intense expression. The lighting is dramatic, highlighting the texture of his skin and the intensity of his eyes. The background is dark and out of focus.

**TEIA DE
MENTIRAS**

CHARLIE DONLEA

**TEIA
DE
MENTIRAS**

Tradução: Carlos Szlak



VERÃO DE 2015

CHERRYVIEW, WISCONSIN

Quando ele desabotoou o jeans dela, ela soube que perderia a virgindade naquela noite.

O cheiro da loção pós-barba parecia mais intenso do que nunca. Ela já o conhecia, sentira-o antes, como na primeira vez em que se beijaram no carro dele. Mas agora, no apartamento dele, com aquele corpo sobre o seu e os lábios dele roçando seu pescoço, o perfume se tornava inebriante.

Mais do que consciente de cada toque e de cada emoção, ela tentou se acalmar enquanto absorvia aquele aroma. Não era o medo de perder a virgindade que a deixava ansiosa. Estava apaixonada e queria aquilo com todas as forças. O que a inquietava era a inexperiência, o receio de errar, a preocupação sobre o que esperar do sexo.

A mão dele deslizou sob o tecido de sua calcinha. A sensação se intensificou quando ele a puxou para baixo com delicadeza. Ela ergueu os quadris e, de repente, estava nua, deitada na cama dele. Era a primeira vez que ficava sem roupa diante de um homem. Estava acontecendo. Não era um sonho. E jamais se sentira tão feliz.

Ele pressionou os quadris contra a pelve dela e penetrou com suavidade. Ela ofegou, surpreendida pelo choque repentino. Porém, a dor foi ofuscada por um pensamento. Ela se deu conta, ao abraçá-lo, que queria sussurrar o nome dele ao pé do ouvido. Mas não conseguiu. Como estrela do time de vôlei da escola, ela sempre o chamara de treinador, e tratá-lo assim agora parecia bastante ridículo, quase constrangedor. Sendo assim, fechou os olhos e deixou escapar um gemido, enquanto ele a penetrava mais profundamente.

PARTE I

RETORNO À ATIVA



1

Madison, Wisconsin
Quinta-feira, 22 de maio de 2025

ETHAN HALL FORA O ALUNO MAIS VELHO DE SUA TURMA NA escola de medicina. Ele tinha trinta e seis anos ao entrar no laboratório de anatomia geral no primeiro ano do curso. Hoje, aos quarenta e cinco, trabalhava como médico de emergência. Embora não tivesse os anos de experiência dos outros médicos de sua idade, Ethan se destacava pela competência. Ele concluíra o curso em primeiro lugar, e poderia ter seguido qualquer especialidade. Escolhera a medicina de emergência porque sua profissão anterior o habituara ao caos, e, em algum momento, a desordem ficou gravada em seu DNA.

Anos antes, Ethan fora agente especial da Divisão de Investigação Criminal de Wisconsin e responsável por investigar crimes contra crianças. Por um tempo fora gratificante colocar atrás das grades os seres desprezíveis que cometiam tais barbaridades. Porém, o trabalho cobrara seu preço. Ele testemunhara violência demais contra os mais vulneráveis da sociedade. Em sua antiga profissão, uma “vitória” ainda significava uma criança morta, uma família enlutada e um criminoso recebendo três refeições por dia e um colchão quente à noite. Nos dez anos em que trabalhara na DIC, Ethan perdera a fé na humanidade. Ele se vira tão à deriva que começara a perder contato com a condição humana. Fora uma década de declínio constante, uma espiral perigosa da qual ele precisava escapar antes que o vazio o engolissem por inteiro. Assim, decidiu que uma mudança na carreira era necessária para preservar a sanidade. Pediu demissão e se candidatou a uma vaga na escola de medicina.

Agora, como médico de pronto-socorro, ele podia ajudar seus pacientes *antes* que morressem. Era uma mudança reconfortante, e algo de que sua vida precisava desesperadamente. Pela primeira vez em muitos anos, Ethan Hall era um homem feliz.

No leito 3 do pronto-socorro, ele puxou a cortina para o lado, e encontrou seu paciente sentado na cadeira junto à cama. Isso era incomum.

Normalmente, os pacientes estavam deitados quando ele entrava. Também outro detalhe estranho era que esse paciente não usava uma camisola hospitalar. O homem de trinta e oito anos, segundo o prontuário, vestia camiseta, bermuda e chinelos. Considerando também o cabelo loiro comprido que quase chegava aos ombros, dava para imaginá-lo na capa de uma revista de surfe. Ethan sorriu.

— Sou o doutor Hall.

— Tudo bem, doutor? Sou Christian Malone.

— Você é o paciente?

— Sim, sou. Sabe, não suporto essa coisa de camisola e cama de hospital. Quer dizer, a não ser que algo estivesse muito errado comigo. Aí tudo bem. Se não, isso só acaba com minha dignidade e faz eu me sentir um lixo.

— Tudo bem. — Ethan digitou no teclado do computador para abrir o prontuário do paciente. — Está sentindo dores abdominais?

— *Estava*. Já passou. Olhe, não quero tomar seu tempo. Vim hoje de manhã porque senti uma dor horrível nas costas. A enfermeira me disse que era uma pedra no rim. Segundo ela, o médico receitou alguns analgésicos, mandou dar uma injeção de morfina e pediu uma tomografia urgente. Mas pouco antes de ela me aplicar a morfina, a dor sumiu. Despencou de dez para zero em questão de segundos. Mesmo assim, ela insistiu em me injetar morfina, dizendo que a dor só tinha passado porque eu havia achado uma posição confortável. Só que a dor não voltou mais.

Ethan acessou a tomografia no computador e viu que o paciente tinha um cálculo renal alojado na bexiga, indicando que já havia completado a travessia dolorosa pelo ureter.

— Pois é, viu? Já desceu para a bexiga — o paciente disse.

— Você é médico? — Ethan perguntou.

— Não, sou um nerd de tecnologia da Califórnia.

— Califórnia? O que está fazendo em Madison?

— Fugi do Vale do Silício, e moro aqui agora.

— Bem-vindo ao Meio-Oeste. Suponho que essa não seja sua primeira pedra no rim.

— Não. Já tive outras duas. Dói pra burro até chegar à bexiga. Daí, expilo a pedra pela urina uns dois dias depois. Tentei avisar a enfermeira, mas ela me deu morfina mesmo assim. O barato é sensacional, tenho que admitir.

Ethan sorriu. Christian Malone, o recém-chegado de trinta e oito anos do Vale do Silício, de repente soava como um californiano.

— Você veio dirigindo até o pronto-socorro hoje de manhã?

— Sim, senhor.

Digitando no teclado, Ethan registrava as informações no prontuário.

— Não posso deixar você dirigir depois de ter recebido morfina. Vamos ter que mantê-lo aqui por algumas horas antes que eu possa lhe dar alta.

— Vou chamar um Uber.

— Eu teria que ver você entrando no carro. Caso contrário, o hospital seria responsável por liberá-lo sob o efeito de um narcótico.

— Poxa, doutor, eu me sinto ótimo...

— O barato da morfina é esse mesmo. Você está legal agora, e daqui a pouco está chapado.

— Não dá para abrir uma exceção? Já faz três horas que estou aqui.

Ethan consultou seu relógio.

— Você é o último paciente de meu turno. Topa um café por minha conta? Se ainda estiver meio zozzo, eu mesmo te levo pra casa.

— Beleza, doutor. Só me tira logo deste lugar.

2

Cherryview, Wisconsin
Quinta-feira, 22 de maio de 2025

EM VEZ DE TOMAREM CAFÉ NA LANCHONETE DO PRONTO-socorro, eles decidiram passar no *drive-thru* do Starbucks, onde pediram copos grandes de café preto. Depois de saírem de lá, Ethan fez um comentário sobre a escolha de Christian:

— Um californiano expatriado como você não quis um café com leite de soja e baunilha?

Christian sorriu.

— Tomo café preto o dia todo.

— O dia todo?

— É a única coisa que eu tomo.

— Se quiser evitar outro cálculo renal, sugiro incluir água em sua dieta.

— Vou levar isso em conta. — Christian apontou. — Pegue à direita ali.

Ethan fez a curva com seu Jeep Wrangler, pegando um caminho sinuoso que atravessava uma área arborizada ladeando a água, até sair, um quilômetro e meio depois, na margem do Lago Okoboji.

— Eu moro ali — Christian disse, indicando o lugar.

Ao olhar para o outro lado do lago, Ethan viu um casarão situado à beira da água. A luz do sol matinal se refletia nas amplas janelas da parte de trás da casa. De cada lado do terraço dos fundos, havia uma escada em espiral que conduzia a um gramado verde-esmeralda que terminava em uma praia artificial que se estendia até a margem do lago.

Ethan já tinha visto aquela casa antes. Assim como todo o mundo. Era a maior do lago.

— Essa é sua casa?

— Sim, senhor — Christian respondeu, apontando pela janela do passageiro. — Contorne pelo norte. É mais fácil entrar pelos fundos.

Por um instante, Ethan hesitou antes de virar o volante e começar a contornar o lago. Dez minutos depois, passou pelo portão dos fundos da casa de Christian e parou na entrada para carros, contando cinco portões de garagem.

— Sente-se bem? — Ethan quis saber.

— Infelizmente, sim. O barato já passou quase todo. Entre e termine seu café. Vou mostrar a casa para você.

Ethan entrou atrás de Christian pelas portas duplas imensas da entrada. Impressionado, meneou a cabeça diante do tamanho da residência. O interior era uma mistura de tecnologia de ponta com a rusticidade típica do interior de Wisconsin.

— Vamos nos sentar lá nos fundos — Christian sugeriu.

Ethan seguiu Christian pela casa, notando os tablets embutidos nas paredes que deixavam tudo, do termostato à música, ao alcance de um toque de Christian. As luzes se acendiam durante o trajeto, embora ele nunca visse Christian tocar em um interruptor. A parte de trás da residência era uma sequência contínua de janelas panorâmicas, que oferecia uma vista majestosa do lago.

— É incrível.

— Você precisa ver como fica quando neva. Eu só gosto de neve quando estou sentado nesta sala e os flocos cobrem todas as janelas.

Christian empurrou uma porta alta de vidro e saiu para o terraço. Ethan o seguiu até uma mesa, junto à qual eles se sentaram.

— O calor este ano está quase insuportável — Christian comentou.

— E dizem que ainda vai piorar.

— Até dá pra aguentar o calor. O que me mata é a umidade.

— Então, Christian, como um nerd de tecnologia da Califórnia veio parar aqui em Wisconsin? Você tem que me contar essa história.

Christian tomou um gole de café e olhou para o Lago Okoboji. Alguns veleiros navegavam em diversas direções, com o vento da manhã enfunando as velas. Uma lancha puxava um esquiador aquático.

— Eu criei uma empresa de armazenamento e compartilhamento de arquivos online. A princípio, só lidava com arquivos, mas logo se expandiu para incluir fotos, vídeos e, no fim das contas, qualquer coisa que você quisesse guardar com segurança na nuvem, compartilhar com outros usuários e acessar de qualquer um de seus dispositivos.

Curioso, Ethan semicerrou os olhos.

— Como a CramCase?

— Isso aí.

— A CramCase é sua?

— Era. Eu vendi.

Ethan assentiu devagar.

— Eu li sobre isso no ano passado. Foi vendida por...

— Bilhões — Christian confirmou, concordando com a cabeça. Ele silenciou por instantes antes de fazer uma pequena correção: — Bem, bilhões e bilhões.

— Nossa! E você era dono de tudo?

— De cinquenta e um por cento. Escrevi o código no dormitório de minha faculdade. Naquela época, éramos apenas eu e meu colega de quarto. Ele ainda está na empresa. Mas eu não aguentei mais. Todo o mundo sonha em ficar podre de rico, mas existe um limite de riqueza que pouca gente conhece. Quando você atinge esse ponto, ainda mais se for uma empresa com ações na bolsa, o resultado é menos liberdade, e não mais. Fiquei de saco cheio de nerds metidos a sabichões me dizendo o que fazer com meu dinheiro e com minha empresa. Aquilo tudo acabou comigo e matou minha paixão. Então, vendi minha parte e caí fora do Vale do Silício.

— E veio parar em... Cherryview, Wisconsin? Como isso aconteceu?

— Com escala em Chicago, mas essa é outra história.

Ethan assentiu. Trilhara um caminho parecido, exceto pelos bilhões. Já chegara a ter um trabalho que amava, mas acabara perdendo a paixão.

— Parece que você está numa boa, Christian. Na vida, e desde aquela dose de morfina que minha enfermeira aplicou em você. Se quiser, podemos analisar a pedra quando você a expelir. Ver a composição dela, para você mudar sua dieta e tentar evitar outra.

— Prefiro que a pedra vá direto pro mar assim que sair de meu corpo. Mesmo assim, agradeço.

— Tome mais água no dia a dia. Confie em mim, isso ajuda.

— Entendi. Valeu pela carona, doutor.

— Imagina.

— Vai voltar pro hospital?

— Não. Vou viajar. Tirei uns dias de folga para aproveitar o fim de semana prolongado.

— Boa viagem. E quando voltar, apareça aqui algum dia. Ainda não conheço muita gente na cidade, e esta casa enorme assusta todo o mundo.

— Pode deixar — Ethan respondeu, sorrindo.

3

Madison, Wisconsin
Quinta-feira, 22 de maio de 2025

O HOMEM CAMINHAVA COM DIFICULDADE PELOS CORREDORES

do hospital. A perna sem força era uma novidade que se manifestara de repente. Apesar do alerta do médico de que sintomas assim eram iminentes, a piora o pegou de surpresa. Não havia dor, apenas a recusa da perna direita de obedecer ao que sua mente lhe mandava fazer. Então, ele mancava e se apoiava no que estivesse por perto para não cair: a porta que empurrou para entrar no pronto-socorro, uma maca no corredor e, na aproximação final ao posto de enfermagem, um monitor de sinais vitais de um paciente, cujo suporte ele agarrou no último segundo, certo de que estava prestes a perder o equilíbrio.

— Desculpe — ele disse ao paciente deitado na maca, esperando ser transportado para algum lugar.

Ele conseguiu chegar ao posto de enfermagem e apoiou as duas mãos no balcão.

— O senhor passou pela triagem na recepção? — uma enfermeira perguntou.

— Disseram pra eu vir direto pra cá.

— Não é possível. Lá, eles registram os dados de seu plano de saúde e o colocam na fila.

A reação dela não o surpreendeu. Para a enfermeira, ele era só mais um acidentado entrando mancando no pronto-socorro.

— Não sou um paciente. — Ele enfiou a mão no bolso do paletó e tirou o distintivo. — Agente especial Pete Kramer, da Divisão de Investigação Criminal de Wisconsin. Estou à procura de Ethan Hall.

Por um momento, ela hesitou.

— Um cara alto. Bonitão. Quarenta e poucos anos. Frequentador assíduo de academia e se mantém absurdamente em forma — ele disse.

— Eu sei quem é o doutor Hall.

— Ah, maravilha. Ele está por aí?

A enfermeira digitou no teclado do computador e levou um instante para ler a tela.

— O turno do doutor Hall terminou às sete da manhã.

— Ele saiu do trabalho às sete da manhã?

— Sim. Ele está trabalhando no turno da noite esta semana. Das onze às sete.

— Então, ele voltará hoje às onze da noite?

— Não. Ele vai ficar fora por alguns dias por causa do Memorial Day.

— Quando ele voltará?

A enfermeira fez uma pausa, e Pete percebeu a expressão de desconfiança dela.

— Não se preocupe. Ele não está encrencado. Somos velhos amigos, e ele me deve um favor. — Pete recolocou o distintivo no bolso.

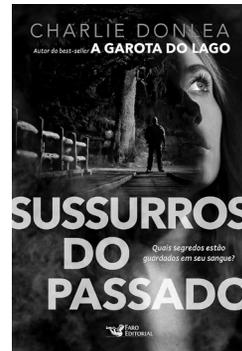
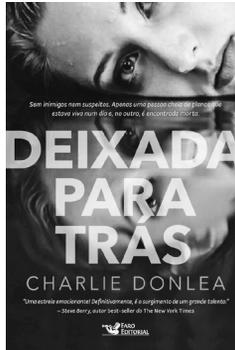
A enfermeira forçou um sorriso e voltou a conferir a escala de trabalho no computador:

— O doutor Hall voltará a atender na próxima quarta-feira. Dia 28.

— Obrigado. Bom fim de semana.

Pete Kramer saiu mancando do pronto-socorro. Ele voltaria na semana seguinte.

CONHEÇA OS OUTROS LIVROS DO AUTOR



FARO  EDITORIAL

ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM JULHO DE 2025